****

**Caravana Agroecológica e Cultural da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**

**19 a 21 de novembro de 2013**

*Relatoria | Versão 02 | Janeiro*

**Primavera de 2013**

**Apresentação: o III ENA é aqui!**

Este documento busca registrar o processo de desenvolvimento da Caravana Agroecológica e Cultural realizada entre os dias **19 a 21 de novembro de 2013** na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

O processo da Caravana[[1]](#footnote-1) compõe um conjunto de iniciativas que estão em curso no país na preparação do **III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA)**, que será realizado em maio em Juazeiro (BA). As Caravanas são estratégias de mobilização descentralizadas e geograficamente situadas em territórios, onde disputas políticas de diversas naturezas incidem.

As Caravanas apontam-se como exercícios descentralizados de análise coletiva visando contrastar padrões opostos de desenvolvimento, estimulando um olhar integrado sobre os territórios. Essa opção metodológica busca possibilitar a convergência de diferentes dimensões relacionadas ao fortalecimento da agroecologia e ao **reconhecimento dos conflitos em curso no espaço de disputa físico, político e ideológico onde a agroecologia se insere**.

Dessa forma, localizam-se como objetivos centrais da Caravana, o processo preparatório para o III ENA, a partir da reflexão coletiva sobre as questões orientadoras[[2]](#footnote-2) indicadas pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), o estímulo às **dinâmicas capilarizadas de mobilização social**, a necessidade de explicitar e divulgar contrastes a partir das peculiaridades dos territórios localizados nas macrorregiões brasileiras, uma oportunidade de proporcionar ambientes de debate entre as organizações que compõe a ANA, entre outros objetivos e resultados que foram construídos ao longo desse processo e que serão apontados ao final do documento.

A Caravana realizada no Rio de Janeiro buscou evidenciar, a partir das rotas propostas, os intensos conflitos socioambientais que incidem sobre a região metropolitana[[3]](#footnote-3) do Rio de Janeiro e que representam ameaças diretas a agroecologia e a vida camponesa. A Caravana reuniu ao total mais de **50 pessoas que circularam pelas rotas** e dinamizaram as diferentes atividades animadas nos três dias de percurso.

Especificamente se tratando da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, priorizou-se o **reconhecimento das resistências e lutas em curso diante da implantação de megaempreendimentos** siderúrgicos, esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas), construção civil (empreiteiras), imobiliários, entre outros projetos que ameaçam a agricultura familiar nos assentamentos da reforma agrária, criminalizam os agricultores que coexistem nas Unidades de Conservação e impossibilitam a agricultura urbana, invisibilizada pelas políticas de ordenamento territorial em curso no estado. Como será possível observar nos relatos que compõe o documento, as disputas fazem parte de uma concertação social complexa e integram outros grupos sociais extremamente fragilizados na região metropolitana do Rio, como as pescadoras e pescadores da Baia de Sepetiba, importantes parceiros da Caravana.

Para apresentar o processo de desenvolvimento da Caravana construída na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o texto está organizado em cinco seções.

A primeira, **“Processo Preparatório”**, traz um breve relato sobre o processo de construção coletiva da Caravana, apontando as principais atividades realizadas para viabilizar as rotas e as atividades propostas em cada território visitado. A segunda exibe a **“Programação final da Caravana”**, detalhando o roteiro de visita que orientou todo o processo.

A seção seguinte, **“Relatos”**, traz de forma mais específica os principais debates que circularam, nos diferentes ambientes visitados[[4]](#footnote-4) e nas diversas atividades promovidas pelos Caravaneiros, onde totalizam-se doze atividades principais realizadas ao longo dos três dias de Caravana. A quarta seção traz os **“Principais resultados e produtos”** construídos e apontados e, a parte final, indica algumas das principais considerações finais desse intenso processo de preparação Rumo ao III ENA.

Por fim, serão indicados os **“Registros de imagens e alguns documentos”** serão anexados ao relatório buscando agregar importantes materiais que foram produzidos ao longo de todo período e que compõe parte significativa dos resultados obtidos a partir da Caravana.

Espera-se que o relatório possa trazer, mesmo que de forma simplória, o espírito que marcou o percurso da Caravana no Rio de Janeiro: o III ENA é aqui!

Sumário

[I) Processo Preparatório 5](#_Toc381025824)

[II) Programação Final 7](#_Toc381025825)

[III) Relatos 8](#_Toc381025826)

[1. Abertura: Ato Público Baia de Sepetiba [Pedra de Guaratiba] 8](#_Toc381025827)

[2. Quintais Produtivos: Agricultura Urbana [Guaratiba] 10](#_Toc381025828)

[3. Fundação Xuxa Meneguel [Campo Grande] 10](#_Toc381025829)

[4. Fiocruz Campus Mata Atlântica [ Jacarepaguá] 12](#_Toc381025830)

[5. Vila Autódromo [Jacarepaguá] 12](#_Toc381025831)

[6. Largo de Vargem Grande [Vargem Grande] 13](#_Toc381025832)

[7. Comunidade Astrogilda: Parque Estadual da Pedra Branca [Vargem Grande] 14](#_Toc381025833)

[8. Quintais Produtivos: Maciço da Pedra Branca [Vargem Grande] 15](#_Toc381025834)

[9. Centro Cultural João Generino: Campo Alegre [Queimados/Nova Iguaçu] 15](#_Toc381025835)

[10. Feira da Roça de Nova Iguaçu [Nova Iguaçu] 16](#_Toc381025836)

[11. Comunidade Marapicú: Campo Alegre [Nova Iguaçu] 17](#_Toc381025837)

[12. Roda de Avaliação e Encerramento 17](#_Toc381025838)

[IV) Produtos e Encaminhamentos Principais 20](#_Toc381025839)

[V) Considerações Finais 21](#_Toc381025840)

****

# Processo Preparatório

´

O processo de preparação da “Caravana Agroecológica e Cultural da Região Metropolitana do Rio de Janeiro” envolveu uma série de organizações e mobilizadores que compõe a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ).

Para que fosse possível viabilizar as rotas e todas as atividades previstas pelas orientações políticas e metodológicas apontadas pelo processo de mobilização social das Caravanas, diversas oficinas preparatórias foram realizadas reunindo representantes dos territórios buscando a elaboração conjunta da programação. Outras reuniões localizadas também ocorreram para construção das sub-rotas e organização dos recursos necessários para recepção dos Caravaneiros, bem como visitas prévias as organizações e sítios, que fariam parte da programação, foram realizadas.

Ao total foram realizadas sete oficinas preparatórias mais centralizadas e diversas reuniões em Vargem Grande/Jacarepaguá/Campo Grande, Nova Iguaçu e na Baia de Sepetiba, três principais eixos das rotas da Caravana.

Além dos encontros prévios, que foram momentos de articulação dos atores locais e regionais, é fundamental registrar o processo de mobilização e inscrição dos participantes, sendo eles membros de importantes organizações, redes e coletivos envolvidos diretamente com o fortalecimento da Agroecologia no Rio de Janeiro. O mapeamento desses grupos e a constante preocupação em garantir, principalmente, a presença de agricultoras/es, pescadoras/es e outros representantes das comunidades tradicionais e dos grupos populares atuantes nos territórios visitados orientou o trabalho do grupo que facilitou este processo.

A produção de materiais de apoio, como o Caderno do Participante e dos outros materiais de comunicação (logo, banners, faixas, camisetas), envolveu ainda diferentes articuladores e sistematizou pesquisas e publicações produzidas sobre os territórios. Nesse processo, vale ainda registrar a criação e atualização da página da Caravana RJ nas redes sociais. A gestão compartilhada desse ambiente virtual possibilitou a alimentação constante de informações sobre a Caravana, o que garantiu mais um espaço de diálogo com a sociedade, oferecendo divulgação previa sobre a Caravana. A construção de ferramentas e instrumentos de diálogo e registro online (em tempo real) desse processo foi uma importante conquista para os mecanismos de comunicação previstos na metodologia das Caravanas.

Vale ressaltar a construção de parcerias com o poder público local para a viabilização das atividades nos espaços públicos e com outros grupos, como a EMATER, Programa Rio Rural. O que aponta a Caravana e todo processo preparatório ao III ENA como um rico espaço de articulação e adensamento da rede de parceiros da Agroecologia.

A Caravana contou ainda com apoio financeiro do Projeto Demonstrativos (PDA/MMA) articulado pela ASPTA e do Rio Rural na disponibilização de van. Houve ainda parceria para mudança da data da feira da Roça de Nova Iguaçu, via prefeitura do município e liberação dos guardas parque da Pedra Branca pelo INEA. A Rede Ecológica fez a doação de 10 quilos de arroz integral. Materiais de comunicação ainda foram produzidos com apoio do Programa de Agricultura Urbana da ASPTA.

# Programação Final

**Terça – feira: 19/11**

**10h:** Chegada à Praça da Amendoeira e Cortejo/Ato “Ocupa Pier”;

**11h:** Apresentação da Caravana Agroecológica e Cultural (Roda de Conversa);

**12h:** Almoço Agroecológico;

**13h:** Visita ao Quintal de Dona Leda;

**16h:** Visita as Experiências da Fundação Xuxa Meneguel (Experiências Crianças e Jovens: Alimentação Escolar e Projetos Socioambientais);

**18h:** Jantar;

**Pernoite solidário:** Fiocruz Campus Mata Atlântica;

**Quarta – feira: 20/11**

**6h30:** Café da manhã;

**8h:** Vila Autódromo (Café da Manhã, Horta Comunitária e Roda de Conversa);

**10h:** Atividades Simultâneas: Largo de Vargem Grande (Exposição dos Grupos Agroecológicos Regionais, Roda de Conversa);

**13h:** Almoço na comunidade Astrogilda;

**14h:** Quintais abertos no Parque Estadual da Pedra Branca;

**17h:** Cultural e jantar no Largo da Igreja N. S. da Conceição (Alto Mucuíba).

**Pernoite solidário:** Centro Cultural João Generino no Assentamento de Campo Alegre;

**Quinta – feira: 21/11**

**7h30:** Ato na Feira da Roça de Nova Iguaçu;

**12h30:** Almoço na comunidade de Marapicu;

**13h30:** Visita nos sítios com experiências Agroflorestais;

**16h:** Avaliação e fechamento da Caravana;

# Relatos

**Dia 01: Terça – feira: 19/11**

## Abertura: Ato Público Baia de Sepetiba [Pedra de Guaratiba]

Os Caravaneiros partiram de vários pontos da região metropolitana do Rio de Janeiro e se encontraram na Pier de Guaratiba onde foram recebidos por um café da manhã. Após o acolhimento inicial os participantes formaram um cortejo que seguiu pelo **Pier de Guaratiba.**

O ato de abertura foi iniciado com uma mística que reuniu, no centro de uma grande roda formada com todos os participantes, um grande mapa[[5]](#footnote-5) da Zona Oeste do Rio de Janeiro e as bandeiras dos movimentos e grupos que fazem parte da AARJ com o mote de uma ocupação “**Ocupa Pier”** que pudesse **retratar a diversidade de temas e denúncias** que a Caravana englobou em sua proposta de diálogo com a sociedade. Após a fala de reconhecimento dos coletivos participantes, as crianças que fazem parte da Fundação Xuxa Meneguel levaram até o mapa, mudas de árvores nativas e entregaram aos participantes receitas de alimentos preparados com frutas, verduras, legumes e outros produtos agroecológicos.

Uma roda de apresentação da Caravana e diálogo entre os participantes foi formada em frente à Igreja NªSª Desterro e a própria Baia de Sepetiba. Claudemar Matos, Secretário Executivo da AARJ, apontou os objetivos da Caravana e indicou diversos elementos que farão parte da Caravana do Rio de Janeiro. Outros parceiros, como o Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), representantes do Conselho do Parque do Mendanha, Associação Feira da Roça de Nova Iguaçu, entre outros grupos foram chamados para falar sobre a importância da Caravana e da abertura na Baia de Sepetiba.

O **centro dos debates na abertura da Caravana foi composto pelas falas dos pescadores**, em grande parte residentes de Santa Cruz, sendo todos atingidos pela Siderúrgica ThyssenKrupp (TKCSA). Os pescadores e os representantes do PACS apontaram os diversos impactos que as comunidades estão sofrendo devido o descaso da empresa e do poder público. Os pescadores apontam os diversos problemas a saúde causados pelas emissões atmosféricas poluentes, a ocupação territorial predatória das empresas, a poluição das águas da Baia de Sepetiba e relatam outras denuncias que transcendem a TKCSA e fazem parte de um complexo industrial instalado na Baia de Sepetiba, antigo ambiente de vivencia caiçara.

As denúncias também nã**o se restringem aos problemas de saúde e a poluição do ambiente,** mas englobam ameaças e pressões morais de diversas naturezas, além da cooptação de grupos locais. A situação dos pescadores, que estão impedidos de manter suas **práticas tradicionais de pesca e agricultura** – principal fonte de renda e manutenção de sua cultura trouxe para a abertura da Caravana a indicação sobre qual modelo de desenvolvimento está em curso na região metropolitana no Rio de Janeiro e em todo o estado e a necessidade de convergir à luta dos pescadores com as reivindicações pautadas pela Agroecologia.

Seu Oseias (70 anos), pescador e morador da região da Baia, é contundente ao dizer em seu relato: “*Antes na minha região era o seguinte: um núcleo agrícola que se tornava um jardim e se produzia tudo quanto era verdura, que posteriormente com a chegada das indústrias de zinco poluidoras, com a chegada do Porto de Sebetiba e Furnas. Furnas* ***também poluiu, não é só a TKCSA****. Com a TKCSA, começou a fazer a obra, na obra ela começou a destruir a pesca artesanal dentro do Rio, onde muitas famílias dependiam dessa pesca dentro do Rio São Francisco e Guandu. Com uma coisa dessa morreu até pescadores atropelados pelos navios que levavam materiais para a obra. Agora mesmo minha casa estourou, está toda rachada. É um impacto da obra*”.

A **conexão entre os pescadores artesanais e a agricultura** se evidencia nos vínculos que a agroecologia busca tecer entre as pessoas e seus territórios. Para Sandra Quintela do PACS, que também colaborou com as falas de abertura “É *preciso questionar* ***que desenvolvimento é esse?*** *Que potência o Brasil deseja ser. O desenvolvimento que traz contradições como a TKCSA, que atinge os pescadores, produz tantas remoções. Qual é o sentido do desenvolvimento que traz tanta desigualdade e pobreza*”. O professor Carlos Motta, diretor da escola de Vargem Grande, também participou das articulações para a realização da Caravana, diz “as escolas precisam estar com os movimentos sociais, articulando ações, debates e parcerias que visibilizem os conflitos reais. Não podemos aceitar que toda área seja urbana no município do Rio de Janeiro”, evidenciando os conflitos na construção do Plano Diretor que excluí áreas rurais.

A abertura da Caravana ainda contou com a apresentação musical: *"Saúde boa para todos / Eu sei que eu posso / Os alimentos são nossa riqueza/ Se tu não tem cultura / Não vem me falar de agricultura".* Esse é um dos trechos do **rap cantado por Yoran Carlos**, jovem de 15 anos, morador de Campo Grande e participante do Projovem (explicar), Ele foi uma das diversas vozes ouvidas na abertura da Caravana. Sua música, assim como as emocionadas falas dos moradores locais, ressaltaram a importância da questão agroecológica na região.

Claudemar, pontua ainda a construção da Carta Política da AARJ no terceiro encontro estadual de Agroecologia, realizado em Campos nos dias 09, 10 e 11 de novembro de 2013, e seu Ângelo, da APA Pedra Grande, apresenta e fala sobre a relevância de articular as ações da agroecologia (AARJ) com a **Campanha Nacional pela Regularização do Território Pesqueiro** (<http://peloterritoriopesqueiro.blogspot.com.br/>).A abertura foi encerrada com um almoço servido no próprio Pier de Guaratiba.

## Quintais Produtivos: Agricultura Urbana [Guaratiba]

As atividades do primeiro dia seguirão para o Quintal Agroecológico e Urbano da Dona Leda. Os participantes foram recebidos em um belíssimo quintal cercado de plantas medicinais, frutíferas e outras plantas que mantém o quintal produtivo. Uma roda de conversa possibilitou a troca de saberes e práticas sobre plantas medicinais e sobre o cultivo agroecológico no meio urbano. **A Rede de Economia Solidária e a Rede Comunitária de Agricultura Urbana** animaram o debate que as experiências dos quintais produtivos urbanos.

Dona Leda conta um pouco sua história na comercialização das ervas de seu quintal: “*Por necessidade há 5 anos atrás, só tinha o salário do meu esposo pra mim, ele e meu filho desempregado, aí eu vendia plantinha ali na pista. Comecei vendendo as medicinais pra divulgar a importância, aí depois eu fui vendendo frutíferas. Me sinto muito bem fazendo isso*”. Caminhando por seu quintal, ela aponta ainda: “*Eu tenho amoxilina, atroveran, dipirona, tudo no meu quintal.* ***As pessoas nem têm dinheiro, mas vão à farmácia comprar remédio****. Até mertiolate tem aqui*”. Ela demonstra as diversas possibilidades de agricultura urbana no município que passam despercebidos aos olhos do poder público municipal.

Em pequenos potes, na laje da casa e em pequenos canteiros, o aproveitamento de espaços na cidade para cultivar alimentos de forma agroecológica, resgata práticas **culturais relacionadas à agricultura e à saúde**, gera renda para as famílias e estimula práticas comunitárias de partilha de conhecimentos. Em um processo de conexão entre as práticas e os grupos envolvidos com a agroecologia - um dos objetivos da Caravana – é fundamental ressaltar que D. Leda participa **da RedeFitovida** e realiza um trabalho em sua comunidade através da Pastoral da Criança. O trabalho comunitário está fundamentado no estímulo à agricultura urbana, no combate à desnutrição infantil e na difusão dos fitoterápicos.

## Fundação Xuxa Meneguel [Campo Grande]

O debate que encerrou a rota do primeiro dia foi marcado pelo conjunto de projetos desenvolvidos e mantidos por diferentes grupos de jovens e crianças que participam das atividades da Fundação.

Entre as experiências de destaque aponta-se as iniciativas voltadas a sustentabilidade que iniciaram-se desde a Cúpula dos Povos (Rio+20) e que se articulam, principalmente, através da atuação do grupo, frente a **Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)**. Durante a visita, o grupo de jovens apresentou aos Caravaneiros as demandas construídas e apresentadas para o Conselho de Alimentação Escolar durante a Semana de Alimentação realizada em outubro de 2013. Entre os principais apontamentos das crianças e jovens estão o ajustes da própria dinâmica da merenda nas escolas, trazendo como pano de fundo todo o debate sobre os **mecanismos políticos corruptos que envolvem a precariedade da merenda na rede pública municipal** e a dificuldade de acesso dos agricultores locais à política pública.

Bernardete Montesano, da Rede Carioca de Agricultura Urbana, explica o objetivo da Caravana**: “*Queremos comunicar que nessa cidade existe agricultura*”**. Segundo ela, o próprio Plano Diretor extinguiu as zonas rurais do município. Isso significa que a prefeitura não leva em conta os agricultores, que ficam  sujeitos ao pagamento de impostos urbanos, como o IPTU. Sobre a importância da Caravana, Bernadete, em sua entrevista aos comunicadores populares diz ainda que “*A Caravana é um momento muito especial para a Agricultura Urbana. Pois, além da questão da comunicação, da gente comunicar para a cidade sobre a agroecologia,* ***dar visibilidade ao movimento agroecológico, a gente diz também que nessa cidade tem agricultura****.* ***A gente está tentando romper com essa desinformação”.***

A experiência na Fundação evidenciou a importância da atuação forte e permanente sobre as questões envolvendo a Merenda Escolar. O controle social nesse processo se faz necessário para que o PNAE, que é lei, possa se efetivar. A passagem da Caravana pelas iniciativas desenvolvidas pelas crianças e jovens evidenciou ainda o **direito das crianças em participarem, construírem e, principalmente, serem ouvidas.** uma carta produzida pelos próprios estudantes, apontando as propostas sobre a Merenda Escolar, foi entregue aos participantes da Caravana. Cabe reforçar ainda que as crianças estiveram presentes no ato de abertura da Caravana.

## Fiocruz Campus Mata Atlântica [ Jacarepaguá]

A hospedagem solidária do primeiro dia aconteceu no Campus Mata Atlântica da Fiocruz que mantém experiências de agricultura urbana e reúne apoiadores das redes locais de agroecologia e economia solidária.

Para Valdirene Militão, que trabalha no Campus da Fiocruz, “*aqui o espaço ainda é privilegiado. Aqui na Dona Fátima e na Dona Rita, que ficam em terrenos próximos, o cuidado com as hortas é muito grande. Eles têm um trabalho com a terra. E agroecologia é isso, agroecologia é saúde*”.

**Dia 02: Quarta – feira: 20/11**

## Vila Autódromo [Jacarepaguá]

No segundo dia, a Caravana desembarcou na Vila Autódromo, comunidade localizada no bairro do Recreio, Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde cerca de 500 famílias estão ameaçadas de remoção. Novamente um belo café da manhã b=na sede da comunidade, recebeu os participantes e iniciou as trocas de experiências entre o grupo de visitantes e os moradores.

Na Vila Autódromo, a prefeitura alega necessidade de retirá-los para executar obras a favor da mobilidade urbana. Mas, um plano popular feito em parceria com universidades pela comunidade mostra que não é necessário remover tanta gente. Qual o motivo então? "*Querem especular. A nossa terra vale muito. Por isso, passam por cima da Justiça, do direito à moradia e à terra, já que a comunidade está no local há 40 anos*", diz Altair, residente da Associação de Moradores, Pescadores e Amigos da Vila Autódromo (Ampava), liderança local que nos recebe.

A atividade na Vila Autódromo reuniu ainda os caravaneiros em torno da experiência de uma horta comunitária que está sendo mantido pelo conjunto de moradores da Vila. Essas experiências mostram os vínculos e as diversas possibilidades de produção de alimentos nas áreas urbanas. Essa discussão passa pela segurança alimentar e pela autonomia das famílias, o que fortalece ainda mais a importância da Caravana ser como uma das suas “paradas”, a resistência dessa comunidade.

Maraci, da Aflorá e da Rede de Agricultura Urbana, apresenta a comunidade que resiste há 20 anos e diz que é um momento muito especial. Seu Altair, é claro na exposição do conflitos: “*vivemos em uma área muito valorizada, não é por causa da questão dos eventos. Mas, sim por conta de vários projetos. Nós temos documentos que provam que temos o direito a esta terra. Hoje a gente tá na mão do prefeito*”.

Seu Jacir, pescador de Santa Cruz, expressa em sua entrevista as conexões propostas pela Caravana, ao fazer sua avaliação sobre o conflito na Vila Autódromo: “*Pra mim essa luta tem que continuar, eles não podem sair daqui. É um absurdo! Daqui a uns dias o* ***pobre não vai ter mais direito de viver****. Eles tão ocupando tudo quanto é espaço. O pobre não tem dinheiro para morar na Zona Sul. E eles tão querendo botar tudo prédio de alto nível e o pessoal da classe baixa, vai morar, onde? Eles tão acabando com tudo quanto é favela. Onde o pobre pode morar? Depois, bota uma UPP em cima pra matar a população da localidade. E os direitos mesmo de quem têm os direitos, eles não dão. Onde tá os direitos da população do Rio de Janeiro? Eles (os prefeitos) têm que ter o respeito pela gente, seja morador de um barracão de barro, mas eles têm que ter respeito por aquela pessoa que mora ali*”.

O percurso pela Vila Autódromo se encerrou com canções e poemas que marcam a força das famílias que permanecem lutando por seus direitos. Na letra Baião das Comunidades, de Zé Vicente, as expressões de esperança e articulação comunitária ficam claras:

“*Vou convidar meus irmãos, trabalhadores, operários, lavradores, biscateiros e outros mais. E, juntos, vamos celebrar a confiança, nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz*”.

## Largo de Vargem Grande [Vargem Grande]

A caravana seguiu para o Largo de Vargem Grande onde uma comissão local recebeu o grupo com a praça repleta de cartazes, folhetos, alimentos, barracas e outros elementos que marcavam a diversidade de experiências vivenciadas na Zona Oeste. Lideranças locais, agricultores e agricultoras do **Maciço da Pedra Branca** expressaram os conflitos e a riqueza das experiências mantidas pelos grupos. O núcleo da Rede Ecológica de Vargem Grande esteve presente reforçando a importância do diálogo entre a produção de alimentos saudáveis e os consumidores.

Uma das experiências marcantes no ato realizado no Largo de Vargem Grande foi a construção de um espaço interativo, marcado pela exibição de faixas, banners, cartazes e diversos produtos que compõe a atuação dos grupos que atuam regionalmente.

Houve ainda a exposição de fotos antigas pelo Instituto Histórico de Jacarepaguá, exposição dos estudantes do Colégio Teófilo, distribuição de sementes e mudas. A distribuição do **número especial do Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá** que traz diversos relatos sobre a Caravana do Rio de Janeiro, elaborado por representantes das Redes Locais de Agroecologia e Economia Solidaria (estudantes, agricultoras/es, jovens e outros colaboradores) foi um dos principais momentos do ato e representa uma grande conquista na comunicação popular indicada como um dos principais eixos do III ENA.

No ato houve ainda a participação do **Comitê RJ da Campanha Permanente Contra o Uso de Agrotóxicos e Pela Vida.** Alan Tygel, fez menção aos casos de contaminação pro agrotóxicos de cinco agricultores no município de Campos dos Goytacazes, região Norte do estado, levando a obtido dois deles. A participação da Campanha aponta que a luta pelo fortalecimento da agroecologia significa o combate intenso e direto ao uso de agrotóxicos no país.

Diversas falas explicitaram as contradições em manter a unidade de conservação e expulsar dela, famílias que há décadas mantém roçados em consonância com o ecossistema local. Diversas áreas de proteção ambiental vêm sendo invadidas por projetos privados, sendo a agricultura da Pedra Branca, apenas uma das diversas experiências que vem sendo ameaçadas pelo governo fluminense. Música e apresentações culturais estiveram presentes do ato da praça que reuniu o maior público da Caravana e se constituiu como um grande espaço de diálogo com a sociedade.

## Comunidade Astrogilda: Parque Estadual da Pedra Branca [Vargem Grande]

Uma roda de capoeira recebeu os caravaneiros no dia de Zumbi (20/11), que marca a luta pelo reconhecimento da diversidade racial. O almoço foi servido em um pequeno restaurante mantido pela comunidade local.

As atividades desenvolvidas em Astrogilda foram permeadas por momentos de reflexão sobre as ameaças que os agricultores familiares, residentes no Parque há várias décadas, estão sofrendo devido às pressões dos órgãos ambientais do município e do estado que defendem um Plano de Manejo que exclui as/os agricultoras/es. As famílias que moram no parque mantêm práticas agroecológicas e agroflorestais em consonância com os sistemas ecológicos locais, mantendo vínculos culturais, socioeconômicos e ambientais, que garantem a conservação da mata atlântica e o uso turístico sem depredação. Contudo, a vivência desses grupos com o parque está ameaçada. O papel da Caravana foi expor essas contradições e fortalecer a luta das famílias.

Para Sandro, morador da comunidade Astrogilda, fala sobre o que a Caravana representa para a comunidade: “*Estamos saindo da invisibilidade. Aqui sempre trabalhamos com a Agroecologia, pois somos todos agricultores descendentes diretos de quilombolas*”. Diz ainda sobre o processo de preparação local da Caravana na região de Vargem Grande, “*foram dias de preparação. Fizemos parceira que resultou nesse ato (ato na praça*)”.

Momentos de descontração entre as cachoeiras e belos ambientes da comunidade Astrogilda foram cercados de muita música que marcaram a dimensão cultural da Caravana. A diversidade sociocultural compõe os pilares da agroecologia, sendo ela vivenciada ao longo de todo o segundo dia da Caravana, seja nos traços religiosos, nas contações de história e nas práticas dos moradores do Parque.

## Quintais Produtivos: Maciço da Pedra Branca [Vargem Grande]

Foram realizadas visitas aos sítios dos agricultores Francisco Caldeira e Pedro Mesquita. Os quintais produtivos nas áreas de agricultura do Parque mantêm a produção de alimentos agroecológicos com respeito à mata. A produção de banana, hortaliças, caqui e a riqueza das garrafas e preparados medicinais nos quintais repletos de espécies florestais e frutíferas traz para a Caravana o debate sobre a produção baseada nos Sistemas Agroflorestais.

Músicas e intercâmbios com a comunidade local encerraram a troca de saberes e práticas da Caravana nessa região. Os Caravaneiros cantaram o Xoté Agroecológico em um pequeno bar e restaurante da comunidade e a comunidade presenteou o grupo com muito samba de raiz. No processo de formação política e na construção da comunicação popular da Caravana do Rio de Janeiro, é fundamental ressaltar que a juventude local esteve presente e atuante na cobertura (filmagem) desse segundo dia de atividades.

**Dia 03: Quinta – feira: 21/11**

## Centro Cultural João Generino: Campo Alegre [Queimados/Nova Iguaçu]

O último dia da Caravana começou logo cedo, com uma roda de conversa no Assentamento de Campo Alegre, uma das primeiras ocupações do estado do Rio de Janeiro e um território que marca a luta pela terra e pela Reforma Agrária. Débora Figueira, assentada e uma das articuladoras do centro cultural, falou sobre as diversas experiências que estão sendo desenvolvidas em parceria com o Coletivo Jovem Autonomia (MST) e demais grupos locais, buscando fortalecer a agroecologia e promover o papel da juventude. No local o grupo tomou café da manhã, com queijos, aipim, sucos e frutas produzidos no próprio assentamento.

## Feira da Roça de Nova Iguaçu [Nova Iguaçu]

A Caravana seguiu para a Feira da Roça de Nova Iguaçu, mais um espaço em conflito no município de Nova Iguaçu. A Feira, realizada no centro do município de Nova Iguaçu, reúne agricultoras e agricultores de várias regiões da Baixada Fluminense e envolve a produção dos Assentamentos de Campo Alegre (Marapicú), Terra Prometida (Duque de Caxias) e Piraí, e articula algumas cooperativas, como a Univerde. Entre os principais produtos comercializados na feira estão frutas, hortaliças, legumes, sucos, pães, fitoterápicos, mel e outros produtos.

A presença da Caravana na feira não foi somente participar desse importante espaço de comercialização, mas sim, sobretudo, fortalecer o processo de manutenção dos direitos das/os agricultores em utilizar o espaço público para venda e troca de seus produtos, uma vez que, recentemente, com a mudança na gestão municipal, houve fechamento da feira e proibição da comercialização dos produtos artesanais oriundos da Economia Solidária[[6]](#footnote-6). A passagem dos Caravaneiros pela Feira da Roça de Nova Iguaçu interage com esse conflito e expõe os limites e as potencialidades destes espaços.

Para Sônia Ferreira, da Comissão Pastoral da terra (CPT), *“a Feira garante um espaço de diálogo com a sociedade, mostrando que é possível e necessário construir estratégias que nos libertem do modelo convencional. Essa Feira que está acontecendo em Nova Iguaçu não é de hoje e nem de ontem, vem da experiência desses agricultores, trabalhadores que precisam confrontar o poder público para garantir a possibilidade de estar aqui*”.

Para Flora e José Antonio, assentados no Terra Prometida (Caxias e Nova Iguaçu), participar da Feira é uma oportunidade de viabilizar o escoamento do que produzem em seu lote, “lá *tem um pouco de tudo, aipim, banana, abobora. Apesar de ser apenas um dia por semana, a feira já ajuda. São muitas as coisas que poderiam ter melhoria lá no assentamento. Podia melhorar a moradia, as estradas. É muita dificuldade que passamos todos os dias*”.

O beneficio para o agricultor também é sentido na fala com consumidores que visitam a Feira. Para Andreia, moradora da região, “*deveria ter mais do que uma vez por semana. Eu venho sempre. Não é todo lugar que você encontra produtos com essa qualidade e sem veneno”.* Como traz os apontamentos do ENA, a feira se evidencia cada vez mais com um espaço de diálogo com a sociedade.

## Comunidade Marapicú: Campo Alegre [Nova Iguaçu]

O dia se encerrou na comunidade de Marapicu, onde as famílias começaram a se organizar em torno de um caráter produtivo agroecológico, participando da Escolinha Agroecológica, no início dos anos 2000.

No assentamento, o lote do Seu Israel e do Seu Domingos e Dona Maria foram visitados explorando as práticas agroecológicas de manejo do solo e implementação de Sistemas Agroflorestais (SAFs), entre outras experiências mantidas pelas famílias.

Seu Domingos fala um pouco sobre suas práticas, “*aqui nunca me falta água. Porque eu sempre deixo o solo coberto, tô sempre mantendo o lençol freático protegido. Diferente de muitos aí que tira a planta, taca fogo. Até mesmo na estiagem não falta água*”. Outra questão é que “*eu sempre levo um pouco de terra quando vou vender meus alfaces pro pessoal sentir o cheirinho bom da terra viva*”, reconhecendo na produção agroecológica a melhoria expressão não apenas na qualidade do alimento, mas de todo o ambiente.

Já no lote do seu Israel foi possível conhecer práticas de adubação verde, com uso da gigoga, por exemplo. Mantém crotalaria e mucuna juntamente com outras árvores frutíferas. Fala ainda das técnicas de cerca viva e da sua opção por nunca usar veneno.

Pode-se ter contato com práticas de consorciamento e rodas de conversa foram animadas nos lotes abordando o processo de conversão para o modelo de transição agroecológica. Produtos fitoterápicos da Rede Fitocan foram apresentados aos participantes havendo sorteio de um kit.

## Roda de Avaliação e Encerramento

Uma roda de avaliação foi marcada por depoimentos dos participantes que celebraram as conquistas da Caravana na troca de experiências, na integração de realidades distintas e no fortalecimento dos grupos resistentes aos diversos processos conflituosos que marcam a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Seguem alguns dos vários depoimentos:

Para Silvana, membro da Rede Ecológica, “*a gente tá lidando mesmo a contradição. Porque a gente vê a questão dos problemas seriíssimos, problemas sociais que estão envolvidos. E a gente vive também a delicia de estar em contato com as pessoas que nessa busca pela resistência fazem um trabalho lindo, de manter a cultura que é a cultura da agroecologia. Como a gente transforma essa indignação em ação. Agora do ponto de vista prático, olhando como Rede, eu vi a dificuldade de transporte (das vias de acesso). Assim, a reflexão que fica é participar da Articulação, é importante estar mais perto. Além disso, precisamos ainda sensibilizar o consumidor*”.

Daniella da ASPTA, fala do desafio de envolver as pessoas e aponta alguns caminhos que podem se tornam desdobramentos da Caravana, “*envolver as pessoas ainda é um desafio para gente que trabalha com a agricultura no Rio de Janeiro, com o movimento da agroecologia. Como é rico ouvir o pescador para conhecer suas dificuldades. Ver um agricultor que saiu de longe para conhecer outras experiências. Eu ouvi o motorista da van falando que ele nunca iria saber que este lugar existe. A luta pela moradia, a dificuldade da comercialização, a vida nas unidades de conservação foram tantos os temas que passaram por aqui. Mas, fico triste de saber que poderiam ter mais pessoas aqui. O deslocamento é complicado, são tantos fatores. Mas, a coisa acontece. Esses momentos são momentos de fortalecimento. A Articulação de Agroecologia é pra isso. É pra articular essas experiências para que elas se encontrem e se fortaleçam. Se unam para enfrentar os obstáculos. De deslocamento, de trânsito. Ser carioca é isso aí. Passamos por vários Sertões. Fico impressionada com a resistência dos agricultores. Fica como proposta, apesar das dificuldades de organização, de fazermos mais caravanas. Pequenas caravanas. Se Nova Iguaçu fizer Caravana em Nova Iguaçu, já vai ser uma conquista. Ampliarmos esses intercâmbios nos próprios territórios”.*

Por sua vez, Bernadete traz outros elementos que provocam reflexões, “*nunca vi um encontro estadual tão esvaziado, foi triste não ver grupos que historicamente estavam com a gente. Pra mim tinha que ser ao contrário, a Caravana, primeiro e depois o Encontro. Pensando na prática, eu vejo que a gente tem que ir pra luta, não da mais para ser da forma que era. A gente tem que comunicar de outro jeito. A gente já diagnosticou, a gente já mapeou. Já sabemos com quem a gente vai lutar e como a gente vai lutar. Quem tem alguma dúvida, vem pro movimento vem. Pro ENA a gente tem que ter um outro preparatório”.*

*Para Juliana da Copagé, “Na Caravana podiam ter mais agricultores. Sei que é muito difícil deixar suas casas, deixar suas coisas. Mas, nós temos que tentar andar mais próximo nos agricultores. To triste pelos agricultores que não estão aqui e feliz pelos que participaram e aprenderam muito. A gente vendo os outros, a gente vê o quanto somos ricos. O pessoal que vive na Pedra Branca passa por dificuldades e ainda carrega os alimentos como antigamente. Eu tenho transporte na minha porta”.*

*Renato, da Feira da Roça de Nova Iguaçu, “Quando a gente vai andando, vai vendo que o nosso problema tá no geral. Acho que isso serve para gente entender que tem que ir pra luta e não ficar esperando o governante fazer. Toda essa resistência que eu vi ao longo dessa Caravana mostra a importância de estarmos unidos. O que o capitalismo está fazendo é nos engolir”.*

De maneira geral, a visibilização dos conflitos territoriais, o fortalecimento da parceria entre o movimento de pescadores e dos agricultores e a articulação das diversas dimensões pelas quais a agroecologia interage na construção de sistemas societários alternativos foram apontados como as principais conquistas da Caravana.

Como desafios ainda postos para a preparação da AARJ para o III ENA e para o fortalecimento do processo do estado do Rio de Janeiro, indicou-se a ampliação do envolvimento de mais agricultoras/es nos momentos preparatórios, a articulação de outras regiões do estado e a necessidade de fortalecer comunidades que estão resistindo a outros conflitos em curso.

Aponta-se ainda a preocupação em garantir alimentação oriunda da produção agroecológica dos próprios territórios visitados. Esse objetivo pode ser alcançado a partir da articulação de diversas agricultoras e agricultores que nos receberam em suas casas e que viabilizaram os alimentos em produção em seus sítios.

A metodologia das Caravanas foi apontada como importantes estratégias de mobilização e articulação dos grupos atuantes na construção da agroecologia e no enfrentamento dos conflitos que incidem sobre os territórios.

# Produtos e Encaminhamentos Principais

Como principais resultados construídos ao longo da Caravana apontam-se, sumariamente, os seguintes produtos e encaminhamentos:

* Realização de Caravanas e processos preparatórios regionais;
* Realização de Reunião do Grupo Executivo da AARJ para avaliação pormenorizada do processo e dos resultados do III Encontro Estadual de Agroecologia, da II Feira de Sementes e da Caravana Agroecológica da Região Metropolitana do Rio de Janeiro;
* Garantia de um espaço de construção de unidade estadual rumo ao III ENA;
* Articulação do AARJ com os grupos atingidos pela TKCSA, entre os quais se destacam os pescadores artesanais;
* Produção de Banco de Imagens sobre os territórios (experiências agroecológicas e conflitos);
* Elaboração de artigos e notícias para Jornais Locais e Regionais, nas Redes Sociais e nas páginas dos parceiros (Brasil de Fato e Abaixo Assinado de Jacarepaguá);
* Fortalecimento de parceiros atuantes na comunicação popular com a AARJ (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, Canal Ibase, Brasil de Fato, Boletim MST-Rio, Comunicação ASPTA e comunicadores independentes);
* Produção de Entrevistas (Texto e Filmagem) com diversas lideranças comunitárias e representantes da AARJ;
* Debate e Reflexão crítica sobre as questões geradoras do III ENA, não debatidas especificamente no processo da Caravana do Rio de Janeiro;

# Considerações Finais

Percorrer locais onde o modelo de desenvolvimento imposto pelo Estado (Governo Estadual e Federal) e pelas grandes empresas expõe os difíceis desafios nos quais a agricultura familiar e a agroecologia estão inseridas na viabilização de suas práticas e na garantia de voz e visibilidade para seus saberes e sua cultura.

A Caravana do Rio de Janeiro, assim como as demais Caravanas realizadas ao longo do ano de 2013 como estratégias de mobilização e preparação rumo ao III ENA, representam um importante espaço de fortalecimento dos grupos e das redes atuantes na construção da agroecologia no Rio de Janeiro. Mais do que visibilizar as experiências, a Caravana possibilitou a compreensão, ainda mais clara e atualizada, de que a promoção de outro modelo de agricultura, passa pelo enfrentamento dos conflitos políticos que produzem nos territórios processos de exclusão, expropriação e cerceiam cotidianamente a agroecologia.

A preocupação de que a Caravana não fosse apenas um encontro, mas sim um processo que não começou e nem se encerrou nesses três dias nos quais os territórios foram visitados, garantiu que muitas articulações se estabelecem ao longo de sua realização e se estendem-se após seu encerramento.

A experiência da Caravana aponta as diversas ações que estão no horizonte da AARJ para que o III ENA ganhe progressivamente sentido e direção nas diversas regiões do estado, e possa se avolumar, integrar outros grupos e superar as diferenças e limites que impedem que os conflitos possam ser analisados e enfrentados de forma integrada e cada vez mais próxima de companheiras/os que constroem outras tantas importantes lutas no estado do Rio de Janeiro.

Bernadete fala sobre a articulação da Caravana do Rio de Janeiro, com outros processos que estão sendo construídos no Brasil: “*A ideia é comunicar. Como que a gente fala sobre agroecologia para a população. Então a ideia é como que a gente faz isso porque muitas vezes no movimento a gente só fala entre nós. Então, a ideia é comunicar isso. E na informação, a gente tem que ter o diálogo. Por isso, estamos dialogando com a sociedade. Na caravana são vários espaços, vários conflitos e a gente tá dialogando com eles. Acho que a gente está dialogando com as outras (caravanas)* ***dizendo que aqui também é resistência****. A gente tá junto resistindo e dialogando com a sociedade sobre isso. É possível fazer de outra forma*”.

O cortejo festivo, alegre, colorido, mas também firme, incisivo e resistente – como as falas dos representantes das comunidades - que marcaram a realização da Caravana Carioca, segue pelas ondas, ruas, lotes, quintais, baías, praças e parques, onde a **agroecologia cresce, fortalece e inspira histórias de vida e luta.**

Para seu Jacir, pescador de Santa Cruz – atingido pela TKCSA – “*Esse pessoal (das empresas) diz que tá tudo ok, mas não está tudo ok, não. A população tá gritando e vai continuar gritando. E nós não vamos parar enquanto não formos vencedores, vencedores do nosso direito. Nós não queremos nada de ninguém não, nós queremos nosso direito, nosso direito de viver, de pisar em uma terra, de uma terra sadia*”.

Para ele sua volta para a Baia de Sepetiba, não será a mesma, “*a gente luta tanto, fica tão cansado, tão desanimado, que esquece que tem um mundão de gente por tantos outros problemas e ameaças. Volto para casa, sabendo muito mais sobre a agricultura de um Rio de Janeiro, que eu não sabia, nem que existia. A luta dos pescadores é a mesma luta dos agricultores. Seguimos juntos, agora ainda mais*”.

1. **Registros | Imagens, Vídeos, Textos e Redes Sociais**

* *Fotos | Fotografo e comunicador popular – Rafael Daguerre*

[www.rafaeldaguerre.com.br/caravana/dia 1/](http://www.rafaeldaguerre.com.br/caravana/dia%201/)

[www.rafaeldaguerre.com.br/caravana/dia 2/](http://www.rafaeldaguerre.com.br/caravana/dia%202/)

[www.rafaeldaguerre.com.br/caravana/dia 3/](http://www.rafaeldaguerre.com.br/caravana/dia%203/)

* *Xoté Agroecológico – Feira da Roça de Nova Iguaçu [Dia 3]*

[*http://www.youtube.com/watch?v=33RA44k\_BVQ*](http://www.youtube.com/watch?v=33RA44k_BVQ)

* *Perfil da Página [fanpage] da Caravana Agroecológica RJ:*

<https://www.facebook.com/caravanaagroecologicariodejaneiro>

* *Matéria Brasil de Fato [anexo]: A batalha pela produção de alimentos saudáveis*
* *Canal Ibase*

<http://www.canalibase.org.br/a-batalha-pela-producao-de-alimentos-saudaveis/>

* *Edição Especial do Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá [anexo];*

**Anexos e Referências Utilizadas**

* Listas de Presença;
* Caderno do Participante [Material de Apoio];

**Organizações Participantes**

Acampamento Marli Pereira da Silva

Associação Feira da Roça de Nova Iguaçu

Agrovargem

Aspta

Assentados de Campo Alegre (Marapicu)

Campanha Contra os Agrotóxicos

Comissão Pastoral da Terra CPT

Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas

Comunicadores Populares

Comunidade Astrogilda

Coopagé

Fundação Xuxa Menguel

Ibase

Moradores da Vila Autódromo

Moradores de Santa Cruz e pescadores artesanais da Baía de Sepetiba

Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA

Movimento Sem Terra – MST

ONG Salvadores do Planeta

Projovem Vargem Grande

Rede de Agricultura Urbana

Rede de Grupos Agroecológicos

Rede Ecológica

**Contatos**

* ***Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro***

www.aarj.wordpress.com

[agroecologiario@hotmail.com](mailto:agroecologiario@hotmail.com)

* ***Comissão Organizadora***

ASPTA – Agricultura Familiar e Agroecologia

Comitê RJ - Campanha Permanente Contra o Uso de Agrotóxicos e Pela Vida

Copagé - Cooperativa de Produtores de Magé

MST/RJ - Movimento de Trabalhadores Sem Terra

PACS – Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul

Rede de Agricultura Urbana

Rede Ecológica do Rio de Janeiro

* ***Relatoria (Elaboração do texto e organização do Caderno Complementar)***

*Natália Almeida Souza - Campanha Permanente Contra o Uso de Agrotóxicos e Pela Vida*

[*natalia.almsouza@gmail.com*](mailto:natalia.almsouza@gmail.com)

1. O Caderno do Participante (anexo a este relatório) traz informações mais detalhadas sobre a orientação político-metodológico na qual se inserem as Caravanas Agroecológicas e Culturais. [↑](#footnote-ref-1)
2. Sendo a principal: “Porque Interessa à sociedade apoiar uma estratégia de desenvolvimento rural com base na agroecologia e no fortalecimento da agricultura familiar e dos povos e comunidades tradicionais”? [↑](#footnote-ref-2)
3. E não somente na região metropolitana, mas sim – de maneiras diversas, contudo igualmente severas - em todo o estado. Vide a construção do Complexo do Açu, o avanço da monocultura do Eucalipto na Região Noroeste do estado, as privatizações na região sul, as intensas disputas na construção da Reforma Agrária Popular, entre tantos outros conflitos em curso. [↑](#footnote-ref-3)
4. É importante ressaltar que, não será objetivo desse relatório, apresentar as características dos territórios e detalhar as disputas territoriais em curso. Caberá ao relatório final compilar e sistematizar essas informações. [↑](#footnote-ref-4)
5. O Mapa Afetivo da Baia de Sepetiba é produto da Rede Comunitária de Agricultura Urbana e do grupo “É Comunitário”. [↑](#footnote-ref-5)
6. Apesar de a feira ter sido reaberta, os produtos da Economia Solidária não puderam retornar, pois a prefeitura alega que a autorização é apenas para comercialização de produtos alimentícios. [↑](#footnote-ref-6)